



INTRODUCTION 24	INTRODUÇÃO 25
CHAPTER I NEITHER MEDITERRANEAN NOR ATLANTIC 59	CAPÍTULO I NEM MEDITERRÂNEO NEM ATLÂNTICO 59
CHAPTER II BREAD FROM STONES 76	CAPÍTULO II O PÃO E AS PEDRAS 77
CHAPTER III FERTILITY 106	CAPÍTULO III FERTILIDADE 107
CHAPTER IV OAKS 129	CAPÍTULO IV CARVALHAIS 127
CHAPTER V PLANTING TREES 148	CAPÍTULO V PLANTAR ÁRVORES 149
CHAPTER VI HAVENS 172	CAPÍTULO VI PARAISOS 173
CHAPTER VII A SEED TO THE FISH 204	CAPÍTULO VII UM SEMEADO AOS PEIXES 205
CHAPTER VIII TOMORROW WE DO NOT KNOW 232	CAPÍTULO VIII AMANHÃ NÃO SABEMOS 233



**CHAPTER I  
NEITHER MEDITERRANEAN  
NOR ATLANTIC**

There is, deep in the valleys of central Portugal's interior, a mixture of vegetation that we usually classify as Mediterranean — olive trees, fig trees and the like — with others that we have difficulty classifying as Mediterranean — from cherry trees and the cornelian-pumpkin combination one brought from America to the Northwest of the Iberian Peninsula, to the immense variety of fruit trees such as apple, pear, plum, orange, lemon, etc., and more, many more.

In the same place, with fig, olive, etc., we see signs of the Mediterranean and the Atlantic together.

The maps of potential natural vegetation — that is, the vegetation that we can naturally expect to find in a place without human influence — show, in this part of Portugal, a mixture of the "sanguine" soils, typical of the middle of coastal Portugal, with the "yellow" soils, more continental, of the northern interior, as well as the "sclerophilous" soils of the northern coast with the cork oaks (southern coastal) and holm oaks (southern inland).

To be more exact, the cork oak is not actually from the South. While it is more associated with the South for economic and social reasons, the cork oak is actually found almost everywhere in the country.

In the central region, we cannot immediately tell if we are in Mediterranean Portugal or in Atlantic Portugal, because the area

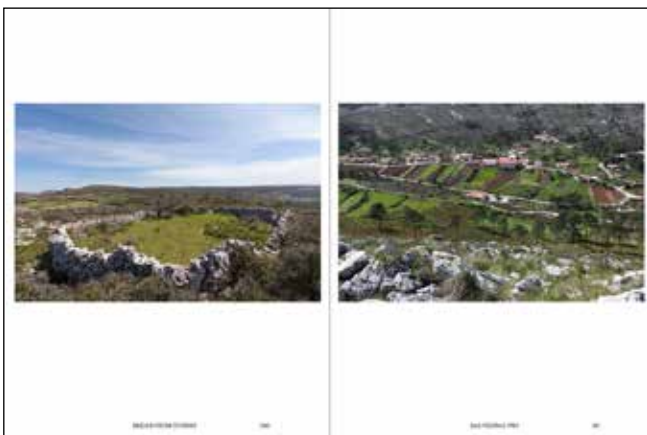
**CAPÍTULO I  
NEM MEDITERRÂNEO,  
NEM ATLÂNTICO**

Há, no fundo dos vales das zonas centrais de Portugal, uma mistura de produções que facilmente classificamos como mediterrâneas — oliveiras, figueiras e outras que tal — com outras que temos dificuldade em classificar como mediterrâneas — cerejeiras, cornelianas e outras que tal. E há ainda muitas outras que são selvagens bem como citamos, desde a castanheira açucada/branca/afilhada que trouxeram da América para o Noroeste da Península Ibérica, até à laranjeira maritima de brônco, com variedades, perseguidas, peregrinas, orientais, brasileiras, locais etc., afortunadas e mais, muitas mais.

No mesmo sítio, além a oliveira, encontramos sinais de Mediterrâneo e do Atlântico.

Os mapas da vegetação potencial natural, isto é, da vegetação que naturalmente podemos esperar encontrar num sítio sem influência humana, mostram, nesta zona de Portugal, uma mistura de solos sanguíneos, típicos do meio de Portugal mais litoral, com solos amarelos, mais continentais, do interior Norte, com solos esclerofílicos, da zona Norte, além de solos e solos esclerofílicos, os carvalhais do Sul, respectivamente litorais e interiores.

Para ser mais rigorosos, a oliveira não é do sul, está lá há muito tempo devido por razões económicas e sociais, mas encontra-se por quase todo o país.





# das pedras pão : apresentação

*Das pedras, pão* é um livro sobre paisagens marginais. As paisagens e territórios mais pobres de Portugal que, durante os últimos séculos, eram o depósito de fertilidade que permitia ir produzindo o pão que mantinha as pessoas vivas. Não porque estas terras produzissem pão, bem pelo contrário, eram terras com solos de maneira geral esqueléticos, com muito baixa capacidade de produção.

Eram terras percorridas por milhares de cabras e ovelhas, aqui e ali também por vacas que, numa aliança com o fogo dos pastores, permitiam ao gado recolher nutrientes acumulados nos tecidos das plantas, transportando-os para perto dos campos agrícolas, sob a forma de estrumes.

Este livro pretende ajudar-nos a compreender os processos que estão a ocorrer num território cada vez menos pressionado pela presença humana, onde a vegetação natural tem vindo a ocupar os espaços abandonados e que só o fogo parece perturbar.



# das pedras pão : autores

**Henrique Pereira dos Santos** (Huambo, 1960). Licenciou-se em Arquitetura Paisagista em 1983, em Évora. Com uma carreira profissional essencialmente ligada ao ordenamento e gestão em áreas de conservação da natureza, trabalhou no Parque Natural de Montezinho, no Parque Nacional da Peneda-Gerês e no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e nos serviços centrais do Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade.

Coordenou vários planos de ordenamento e gestão de algumas das áreas protegidas em Portugal, bem como a instalação do Parque Natural do Douro Internacional, trabalhou na avaliação de impacte ambiental, na visitação e turismo associado a áreas protegidas e na comunicação associada à gestão de áreas protegidas e da biodiversidade. Esteve envolvido na coordenação do Plano Sectorial da Rede Natura 2000, bem como na preparação do novo regime jurídico da conservação e foi responsável operacional pela iniciativa Business and Biodiversity em Portugal.

Foi dirigente do Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade vários anos, tendo ocupado o cargo de Vice-Presidente. Durante dez anos trabalhou como consultor independente na área da gestão da biodiversidade, tendo nessa altura feito um doutoramento sobre a evolução da paisagem rural portuguesa ao longo do século XX. Publicou os livros “*Do tempo e da paisagem*”, “*O gosto de Sicó*” e “*Portugal: Paisagem Rural*”.



# das pedras pão : autores

**Duarte Belo** (Lisboa, 1968). Formação em Arquitetura (1991). Desde 1986 que trabalha no levantamento fotográfico sistemático da paisagem, formas de povoamento e arquiteturas em Portugal. Este trabalho continuado sobre o território deu origem a um arquivo fotográfico de mais de 1.930.000 fotografias. Publicou vários livros sobre o tempo e a forma do território português, de que se destacam: *Portugal — O Sabor da Terra* (1997-1998); *Portugal Património* (2007-2008) e a trilogia 15-5-20, composta pelos volumes *Caminhar Oblíquo*; *Depois da Estrada* e *Viagem Maior* (2020). De outros projetos editados em livro poderíamos referir *O Vento Sobre a Terra* (2002); *Território em Espera* (2005); *Fogo Frio* (2008); *Portugal Luz e Sombra* (2012); *A Linha do Tua*; (2013); *Magna Terra* (2018). Tem trabalhado sobre nomes relevantes da cultura portuguesa, como Mário de Cesariny, Ruy Belo, Maria Gabriela Llansol, Alberto Carneiro, Miguel Torga ou Sophia de Mello Breyner. Expõe desde 1987. Lecionou áreas relacionadas com a fotografia e a arquitetura. Foi curador de várias exposições. Participa regularmente em conferências sobre paisagem, arquitetura e fotografia. É editor do blog *Cidade Infinita*, que reúne textos e fotografias de reflexão sobre espaço, tempo e processo em fotografia.



# das pedras pão : ficha técnica

© 2022, Museu da Paisagem

Textos: Henrique Pereira dos Santos

Fotografias: Duarte Belo

1ª edição: Outubro de 2022

ISBN: 978-989-53820-1-9

PVP: 21,80€

256 páginas

150 x 200 mm

Museu da Paisagem

Campus de Benfica do IPL,

Escola Superior de Comunicação Social 1549-014 Lisboa

[info@museudapaisagem.pt](mailto:info@museudapaisagem.pt)

[www.museudapaisagem.pt](http://www.museudapaisagem.pt)



# das pedras pão : **distribuição**

A distribuição da Editora Museu da Paisagem é assegurada pela sua equipa para todas as livrarias e pontos de venda nacionais e internacionais. Contactos:

Editora Museu da Paisagem (distribuição/encomendas)

[editora@museudapaisagem.pt](mailto:editora@museudapaisagem.pt)

Rua Dr. Maximiano de Aragão, nº 23 – 1º E

3500-155 Viseu

+351 926 089 114 / +351 965 436 354

Museu da Paisagem (sede/morada faturação)

[info@museudapaisagem.pt](mailto:info@museudapaisagem.pt)

Campus de Benfica do IPL

Escola Superior de Comunicação Social

1549-014 Lisboa

NIF: 515 528 021

IBAN: PT50 0035 0325 00012505 430 16



---

**MUSEU da  
PAISAGEM**